

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.
Atenas, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela
coexistência de múltiplas culturas. Essa
variedade é muito importante, pois
observando as práticas e tradições de
outros povos somos levados a refletir
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.
Atena, será que são gratuitas as diferentes
formas de organizar a vida social, de
conceber e expressar a realidade?

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes
Brasília, março de 2021

SUMÁRIO

PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

CAPÍTULO 1	1
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
CAPÍTULO 2	12
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
CAPÍTULO 3	19
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
CAPÍTULO 4	28
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
CAPÍTULO 5	39
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
CAPÍTULO 6	47
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
CAPÍTULO 7	59
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

CAPÍTULO 8	76
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
DOI 10.22533/at.ed.6772119048	
CAPÍTULO 9	92
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
DOI 10.22533/at.ed.6772119049	
CAPÍTULO 10	101
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
DOI 10.22533/at.ed.67721190410	
CAPÍTULO 11	116
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
DOI 10.22533/at.ed.67721190411	
CAPÍTULO 12	130
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
DOI 10.22533/at.ed.67721190412	
CAPÍTULO 13	147
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.67721190413	
CAPÍTULO 14	165
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECA, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
DOI 10.22533/at.ed.67721190414	

CAPÍTULO 15	178
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190415	
CAPÍTULO 16	189
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
DOI 10.22533/at.ed.67721190416	
CAPÍTULO 17	199
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.67721190417	
CAPÍTULO 18	211
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190418	
CAPÍTULO 19	220
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67721190419	
CAPÍTULO 20	232
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.67721190420	
CAPÍTULO 21	241
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67721190421	

CAPÍTULO 22	254
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS	
CAPÍTULO 23	268
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
CAPÍTULO 24	288
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
CAPÍTULO 25	307
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
SOBRE A ORGANIZADORA	317
ÍNDICE REMISSIVO	318

CAPÍTULO 13

DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS

Data de aceite: 01/04/2021

Data da submissão: 05/01/2021

Silvia Sobral Costa

Universidade Federal de Jataí
Jataí - Go

<http://lattes.cnpq.br/7706447622391615>

João Bosco Ferreira Brandão

CESUT
Jataí – Go

<http://lattes.cnpq.br/0714315145010354>

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo compreender a importância da preservação da memória para a construção da identidade e do imaginário. Uma das formas mais comuns de alcançar este propósito é através dos museus. Entre seus vários tipos analisaremos mais profundamente as casas-museus. Uma casa-museu apresenta várias particularidades. Por ser aberta a visitação necessita de um trabalho expográfico, tanto para a definição de seus objetivos, quanto para a escolha do material e da forma como este será exposto. Mas, diferentemente de outros museus, busca, sobretudo preservar a memória de seu(s) antigo(s) morador(es). Por ser um lar, sua fruição por parte dos visitantes é diferenciada, afinal as moradias nos são familiares e nos remetem às nossas memórias e experiências. Para obtenção deste propósito fez-se uma profunda revisão bibliográfica, uma pesquisa de campo, com a visitação ao local. A metodologia empregada

foi dedutiva. Como forma de exemplificar nos ateremos à casa de Charles Darwin. Down House é uma casa-museu situada a aproximadamente 24 quilômetros de Londres. Foi o lar de Darwin, sua esposa Emma e seus dez filhos por quarenta anos. Nela o cientista não apenas viveu, mas também fez pesquisas, teve muitas ideias e escreveu os principais trabalhos de sua obra. Após sua morte (1882) e de sua esposa (1896) foi alugada para um colégio e permaneceu desocupada por um período. Em 1927 foi comprada com a finalidade de preservação. O atual museu funciona desde 1998 e tem por objetivo a salvaguarda da memória não apenas do pesquisador, mas também do homem Charles Darwin.

PALAVRAS-CHAVE: Down House, Casas-museu, Memória.

DOWN HOUSE, CHARLES DARWIN'S HOUSE: THE PRESERVATION OF MEMORY THROUGH HOME MUSEUMS

ABSTRACT: The goal of this research is to understand the importance of memory's preservation for the construction of identity and imaginary. One of the most common ways of achieving this is through museums. Amongst its various types, we will analyze more deeply the home museum. A home museum presents many particularities in relation to other museums. These locations are opened to the public and this action requires an expographic work, both to define its objectives, as well as to choose the material and how it will be displayed. But unlike other museums, its main goal is to preserve the

memory of its former resident (s). The experience of visiting a home museum is unique, after all, houses are familiar to us and remind us of our own memories and experiences. To achieve this purpose, a thorough bibliographic review was carried out, a field research, with visitation to the site. The methodology used was deductive. As a way of exemplifying, we will stick to Charles Darwin's house. Down House is a home museum. It is approximately 24 kilometers from London. It was the home of Darwin, his wife Emma and their ten children for forty years. Darwin not only lived in it, but also did his research, had many ideas, and produced the most important work of his life. After his death (1882) and his wife's death (1896) the house was rented to a college and remained unoccupied for some time. In 1927 it was purchased for the purpose of preservation. The current museum has been operating since 1998 and aims to preserve the memory not only of the scientist, but also of the man Charles Darwin.

KEYWORDS: Down House, Home Museum, Memory.

1 | INTRODUÇÃO

A noção mais singela de casa nos remete à ideia de abrigo. Uma casa é um abrigo contra os perigos da natureza e da cultura, contra os perigos imaginários e os bens concretos; mas uma casa também abriga e propicia sonhos, imaginações, lembranças. (CHAGAS, 2010, p. 4)

Ao me aproximar, cansada de quase uma hora de caminhada no campo inglês, do museu “Down House – O lar de Charles Darwin”¹ (Fig. 1) uma intensa sensação de excitação e familiaridade me dominaram. A excitação é facilmente compreensível pelos anos de admiração pela obra do grande cientista, mas e a familiaridade? Por que esta sensação me inundou ao chegar a um lugar que nunca estive antes? A explicação para as duas emoções está relacionada: ambas surgem a partir da minha memória...

1. Home of Charles Darwin – Down House. Luted Road, Downe, Kent, BR6 7JT. Site oficial: <<https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/home-of-charles-darwin-down-house/>>

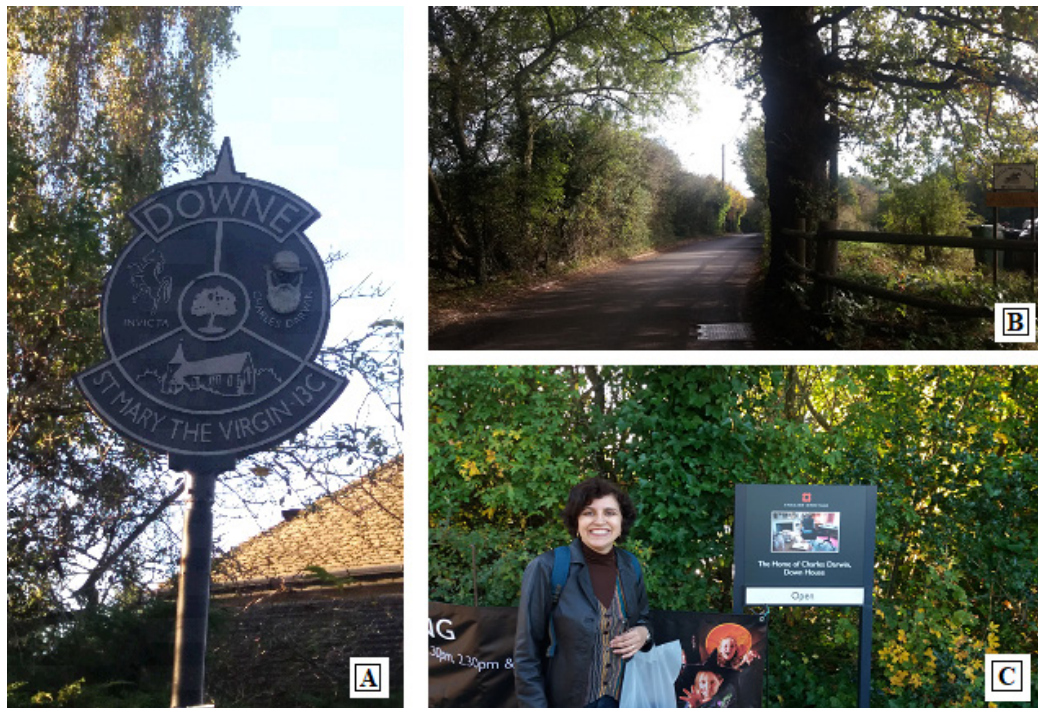


Fig. 1: **A:** Placa indicativa da vila St. Mary the Virgin; condado de Downe, Inglaterra. Povoado próximo de Down House. **B:** Estrada que leva ao museu. **C:** Placa da entrada do museu. Fotos **A e B** de COSTA, S. S.; e **C** de BRANDÃO, J. B. F. out de 2018.

2 | QUEM SOMOS NÓS? MEMÓRIA E IDENTIDADE

A “[...] memória é um processo psicológico fundamental [...]]: é pessoal e interna. Sem ela não seríamos capazes [...] (de) manter uma conversa, reconhecer o rosto dos amigos, [...] agir a partir de novas ideias, realizar nosso trabalho ou até mesmo aprender a andar.” (FOSTER, 2011, p. 8) Somos quem somos a partir de um conjunto único e pessoal de lembranças. Não apenas frutos de nossas experiências, mas principalmente do que nos lembramos delas. O neurocientista cognitivo Michel Gazzaniga afirmou que “Tudo na vida é memória, exceto a fina camada do presente” (Citado por FOSTER, 2011, p. 8).

Ela possui a “propriedade de conservar certas informações [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2013, p. 387). Conecta nosso presente ao nosso passado. Mas até que ponto pode-se confiar em sua acurácia? Segundo Leonard MLODINOW (2014, p. 80 e 81)

A visão tradicional da memória [...] é que ela é como um arquivo de filmes no disco rígido de um computador. [...] o cérebro grava um registro preciso e completo de eventos; se você não se lembra, é porque não consegue (ou

não quer) encontrar o arquivo do filme certo ou porque o disco rígido foi corrompido de alguma forma.

Mas, depois de inúmeros estudos as conclusões alcançadas são outras:

Primeiro, as pessoas tem uma boa lembrança dos aspectos principais dos eventos, mas uma má lembrança dos detalhes; segundo, quando pressionadas pelos detalhes não lembrados, mesmo as pessoas bem-intencionadas, fazendo sinceros esforços para ser precisas, preenchem os detalhes inventando coisas; terceiro, as pessoas acreditam nas lembranças que inventaram (Münsterberg, citado por MLODINOW, 2014, p. 85).

Ou seja, as reminiscências não são uma visão fiel do que realmente aconteceu, mas o resultado de constantes reformulações (acréscimos, deleções e ressignificações). “O trabalho da memória é [...] renovado a cada vez que se narra algo. Por esta razão, a totalização não é uma soma” (CANDAU, 2016, p. 76). O nosso passado é formado por um conjunto de fatos, previamente ressignificados e, vistos através da lente das nossas experiências atuais. Ela não é fixa, mas está em constante mudança, “[...]” “é acima de tudo, uma reconstrução constantemente atualizada do passado [...]” (CANDAU, 2016, p. 9).

Às vezes é equiparada à história. Grande equívoco.

[...] longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise do discurso crítico (NORA, 1993, p. 9).

Ela é informal e espontânea, não tem um objetivo pré-estabelecido. A história é uma construção teórica e pensada. Carrega o peso de ser escrita por alguém, que tem um lugar de fala, que possui um objetivo.

Le Goff, (2013, p. 14) relata que “A matéria fundamental da história é o tempo [...]”. E continua: “O tempo histórico encontra [...] o velho tempo da *memória*, que atravessa a história e a alimenta.” A forma que temos de conhecer o passado é através das lembranças: de pessoas, ou de fatos rememorados pelos mais diversos tipos de documentos. Esta relação não é unidirecional. Dá mesma forma que a história é construída através das reminiscências “[...] a memória se alimenta do material fornecido pela história” (POLLAK, 1989, p.13).

Neste sentido, não podemos esquecer que as fronteiras entre história e memória não são rígidas e que a história, seguidamente, torna-se memória e serve como âncora para identidades individuais e coletivas. Porém [...] a memória tem um compromisso maior com o reforço das identidades (nacionais, étnicas, de gênero, políticas, institucionais, entre outras), enquanto que a história deve se voltar à historicização dessas identidades, evidenciando-as como construções históricas, e não como essências ou dados naturais [...] (SCHMIDT, 2008, p. 191 e 192).

Por ser única e pessoal ela faz com que diferentes pessoas lembrem-se de formas variantes do mesmo acontecimento, pois “[...] mais do que preservar, a memória constrói o passado, que ela inventa, no sentido de conferir-lhe sentido, insisto, que ela monta e remonta, esquece e recalca os vestígios pretéritos” (SCHMIDT, 2008, p. 191).

“A memória, (como bem sabia Davis Hume) sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro” (ROSSI, 2010, p.24). É através do nosso conjunto pessoal de lembranças que construímos as identidades, a própria, de forma individual e a de um grupo, em consonância com nossos coevos e nossos ancestrais. “A [...] memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coesão interior. Ela obriga a cada um se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade” (NORA, 1993, p. 9). Esta é constituída e se reforça a partir de uma memória coletiva.² A própria e a coletiva estão intimamente ligadas e se retroalimentam. “A forma do relato, que especifica o ato de rememoração, ‘se ajusta imediatamente às condições coletivas de sua expressão’. O sentimento do passado se modifica em função da sociedade” (Guillaumin, citado por CANDAU, 2016, p. 77).

Esta formação identitária é bastante complexa, pois incorpora diferentes elementos em sua estruturação: memórias individuais; oficiais; subterrâneas, silêncios e esquecimentos - involuntários ou voluntários. Não pode ser constituída instantaneamente, embora possa ser modificada a partir de um trabalho intensivo do poder hegemônico. Ela é fruto de um longo processo de cismas e acomodações, de modificações rápidas e estases, de aquisições e esquecimentos, tudo influenciado por seus protagonistas: pessoas com período de vidas, relações pessoais e personalidades. A fusão destes e de muitos outros elementos produz a identidade do grupo e este por sua vez leva à coesão social e a sensação de pertencimento.

As memórias coletivas tanto podem se referir a pequenos grupos, como famílias, associações, bairros, ou a grandes aglomerados como nações.

2. Identidade é “[...] uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica como *Outro*”. CANDAU, Joël. *Idem*. 2016, p. 9.

NORA, Citado por Lúcia Villas Boas define memória coletiva como: “a recordação ou o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada por uma comunidade viva cujo sentimento do passado faz parte integrante de sua identidade”

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p.9).

“Por isso, é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade” (CANDAU, 2016, p. 77).

Da mesma forma que objetos e edificações são, em maior ou menor grau, temporários, tanto a memória quanto a identidade, por suas características intrínsecas, são mutáveis. Devido a isso “[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição [...] têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver ao seu desaparecimento, [...] (alimentando-se) de referências culturais, literárias ou religiosas” (POLLAK, p.11). Várias estratégias são empregadas para sua manutenção, tanto por pessoas ou grupos particulares quanto pelo poder público. Uma de suas formas mais populares “[...] é a constituição de espaços institucionais de preservação e de celebração dos vestígios do passado [...]: museus, arquivos, bibliotecas, centros de documentação, memoriais, rotas turísticas ‘nostálgicas’...” (SCHMIDT, 2008. p. 188). Este cuidado fez com que muitos órgãos públicos e mesmo instituições privadas “[...] pass(assem) a investir na construção de espaços para exibição (ou, mais propriamente, para a construção) do passado, para a exposição de certas narrativas a respeito ‘do que fomos’, visando a solidificar uma determinada imagem ‘do que somos’” (SCHMIDT, Benito Bisso, 2008, p.188).

3 | QUEM ÉRAMOS? MUSEUS E A HISTÓRIA

“Os museus passaram por grandes modificações a partir da segunda metade do Século XX, mudanças que aconteceram no conteúdo e na forma, no papel social e nos espaços utilizados” (BARRETO, 2008). Para que os objetivos deste “cuidado com o passado” possam ser alcançados se faz necessário uma “[...] reflexão sobre a interpretação da memória (o que) impõe uma investigação a partir do entrelaçamento de ideias das áreas da filosofia, da sociologia, da história da cidade e das mentalidades, da história da arte e arquitetura, visando uma análise sob a ótica museológica” (SILVEIRA, 2016, p. 3 e 4). Um museu é muito mais que um conjunto de objetos. Ele deve ter uma proposta. Ao conhecer uma destas instituições o visitante não deve se esquecer disso. Da mesma forma que um historiador, cada instituição também tem seu “lugar de fala”.

Os primeiros estabelecimentos deste tipo, da civilização grega ao século XV eram usados para guardar tesouros das classes dominantes. A partir de 1700 algumas instituições como a Galeria Imperial em Viena, o Palácio Quirinal de Roma e o Escorial

na Espanha admitiam o público mediante o pagamento de uma taxa, enquanto outros, tanto públicos quanto privados permitiam apenas o acesso de convidados e/ou cientistas. A primeira construção especial para este fim foi a Galeria Uffizzi, em Florença, com um andar destinado a exibir as obras de arte da família Médici. O Louvre é considerado por muitos o primeiro museu – na definição atual. Surgiu a partir da estatização das obras da nobreza e do clero após a Revolução Francesa. Era aberto à população e gratuito. Na Inglaterra a realeza não se preocupou com esta vertente cultural, pois não estava disposta a financiar o “luxo para o povo”. Mas o sucesso da Grande Exposição de Produtos Industriais de 1851 levou a criação da instituição em South Kensington (BARRETO, 2008).

Além dos objetivos primordiais ligados a memória e a cultura os interesses científicos e comerciais estão cada vez mais presentes. Eles passaram a ser locais de pesquisa e “Sem dúvida, a espetacularização do passado se tornou uma excelente estratégia de marketing, uma forma bastante eficaz de vender imagens, produtos e serviços” (SCHMIDT, 2008 p.188 e 189). A questão da utilização do passado de uma forma comercial merece maiores debates e estudos.

Entre os diversos tipos de museus (arte, científicos, híbridos) os históricos possuem características e trajetórias próprias.

Primeiramente, nos séculos XVIII e XIX, o interesse era pela história da Grécia, Roma e Oriente Médio nos tempos bíblicos. Depois veio a época do nacionalismo caracterizada por uma atitude romântica para com as guerras. Finalmente chega-se à etapa atual onde existe a convicção de que todo o que aconteceu, os grandes feitos, a pequena história, os detalhes do cotidiano da aristocracia ou dos seus serventes, tudo é importante não somente para entender o passado mas também para planejar o futuro (BARRETO, 2008, p.11).

Mas, o que a História tem a dizer sobre os museus? Da mesma forma que a historiografia é feita de escolhas, falas, silêncios e tem uma intenção ao relatar/interpretar determinado fato, o museu também tem seus objetivos, que podem estar explícitos em sua apresentação ou não. Ele também é feito de escolhas e omissões. O historiador ao atuar em um destes locais deve ter

aquele tipo de olhar que, por dever de ofício, [...] (deve) lançar aos demais objetos que estudam: um olhar eminentemente histórico, que desnaturaliza os objetos (inclusive papéis), seus arranjos, combinações, organizações e classificações, mostrando que tais operações, aparentemente desinteressadas, resultam de gestos, de escolhas, de omissões e de silenciamentos determinados pelas lutas sociais e políticas presentes em cada contexto histórico (SCHMIDT. 2008 p.190).

“O campo da Museologia envolve uma interdisciplinaridade entre diversas áreas do conhecimento, envolvendo um processo decisório que reúne: identificação, classificação, seleção, criação de coleções e exposição de objetos musealizados” (SILVEIRA, 2016 p.

3). Cada um destes estabelecimentos tem múltiplos papéis: político, social, educacional, preservacionista, etc... Cada museu conta uma ou muitas histórias. “Ele ‘dá certo’ quando dialoga efetiva e eficazmente com a sociedade. O museu não deve, pois, apenas ser portador de fragmentos de memória da sociedade em que está inserido, mas transcendê-la, apontando para o futuro” (MOTA, 2018. p.62). Quando se torna apenas mais um lugar turístico a ser rapidamente visitado ele perde sua principal força, pois o diálogo do estabelecimento com a comunidade – local ou temporária- é de fundamental importância. Fruir um destes locais é muito mais que uma visita apressada atrás de um guia com uma programação extensa...

4 | ONDE HABITAMOS: AS CASAS MUSEUS

Entre as instituições históricas as casas museus se tornam cada vez mais comuns. “Este gênero museal [...] abriga registros de uma memória social, exposta em aposentos geralmente representada por um personagem de destaque para uma comunidade, independente da sua condição social” (AFONSO e SERRES, 2016, p. 40). Mas porque uma residência deve ser preservada? Uma casa, é bem mais que um imóvel, é um lar. Possui uma representação pessoal e social. Quando é aberta a visita agrega, além do patrimônio, também uma representação cultural. Não se torna somente um imóvel público, mas um marco de uma identidade cultural. Torna-se parte do imaginário coletivo local ou regional. Traz um sentimento de pertencimento (SCARPELINE, 2008, p. 19). Por tudo isso esta instituição se difere das demais, pois

É uma tipologia especial de museu; cada uma delas possui uma particularidade, um tipo de acervo; consiste num refúgio doméstico que expõe um recorte de determinada época, projeta a memória de um personagem social, evidencia uma coleção de valor inestimável, retrata a vida doméstica de determinado grupo, satisfaz a curiosidade dos visitantes em observar um aspecto de uma intimidade, entre outros (AFONSO e SERRES, 2016, p. 40).

Percebemos que este tipo de edifício significa mais que um local: ele é uma “[...] paisagem, é um estado de alma. Neste sentido, as casas [...] estão enraizadas não só na realidade, simbolizando uma época, uma região e mostrando objectos pessoais, mas estão, também, presentes no nosso imaginário e na nossa cultura” (SARDO, 2019 p.85).

Todas as casas abrigam famílias, personagens históricos conhecidos ou não.³ Existem vários motivos que levam algumas e não outras a serem preservadas. Questões ligadas à arquitetura (exemplares únicos ou alguns representantes do comum, ordinário), fatos históricos ocorridos em seu interior ou arredores, mas principalmente a manutenção da memória de uma pessoa ou pessoas que nela viveram. Mas o que uma moradia pode nos dizer de antigos habitantes? Uma construção e seu mobiliário são frutos de uma

3. Independente de ser conhecida ou não, todas as pessoas que já viveram ou vivem são consideradas neste texto como personagens históricos.

escolha – ou uma imposição. Ambas, a escolha e a imposição nos revelam muito, desde que adequadamente inqueridas.

A recuperação e conservação das construções que abrigam museus-casa devem estar aliadas ao processo de interpretação de seu acervo, permitindo a compreensão e o resgate material de sua conformação interna, recriando-a como um espaço de fruição da memória, espaço onde objetos, móveis e artefatos recebem um novo olhar (SILVEIRA, 2016 p.3 e 4).

O motivo mais frequente para a transformação de um lar em museu é a relevância de um ou mais de seus moradores. “O processo que transforma uma moradia em um museu é dado pela potência política e poética que um personagem é capaz de produzir na memória local, regional ou nacional” (MARIUZZO, 2012). Nem todos os que escreveram seus nomes na história terão suas moradias preservadas. É necessário algo além da importância histórica: é preciso fazer parte do imaginário da comunidade. Scarpeline (2008 p. 18) afirma que casas museus são lugares de memória, sendo portanto mantidas “[...] como local onde o personagem está representado, através de um cenário montado baseado na história oficial e não oficial, onde o passado é reformulado no presente, resignificado, montado para dar veracidade à biografia do homenageado.” E continua, ali “[...] o tempo é permanente, o personagem pode ser lembrado e reverenciado todas as vezes que se visitar o local”. Mas nunca devemos esquecer que a construção de um acervo se faz por pessoas que podem ou não serem coevas do homenageado, tem sentimentos, interesses e imaginário próprios.

[...] em uma Casa-Museu, a interpretação que os visitantes têm do local está condicionada às decisões expográficas da equipe que administra este espaço. Os gestores de uma Casa-Museu podem, por vezes, enfatizar algumas qualidades do personagem homenageado em detrimento de outras, ocultar defeitos, criar um perfil que seja mais atrativo aos olhos do público visitante, forjando uma identidade que não se destaca da realidade, mas que pode não apresentar todas as suas faces (AFONSO e SERRES 2016, p. 44).

Embora em alguns casos, como no museu Casa de Cora Coralina, a atmosfera de lar dá a impressão da presença da moradora (na casa da poetisa temos a sensação que a qualquer momento ela vai entrar pela porta, se sentar em sua cadeira preferida - onde ainda repousam sua bengala e chinelos - e nos oferecer um café ou um doce), temos que ter em mente que não estamos no lar da pessoa, mas em uma antiga moradia que foi transformada em um local de visitação pública.

Não há dúvida de que a casa museu encena uma dramaturgia de memória toda especial, capaz de emocionar, de quebrar certas barreiras racionais, de provocar imaginações, sonhos e encantamentos. Por isso mesmo, é preciso perder a ingenuidade em relação às casas museus: elas fazem parte de projetos políticos sustentados em determinadas perspectivas poéticas, elas também manipulam os objetos, as cores, os textos, os sons, as luzes, os espaços e criam narrativas de memória com um acento lírico tão extraordinário

que até os heróis épicos, os guerreiros valentes e arrogantes, e os homens cruéis e perversos são apresentados em sua face mais cândida e humana; afinal eles estão em casa (CHAGAS, 2010, p. 6).

Dá mesma forma os curadores e/ou organizadores da instituição tem que sempre ter isso em mente.

Uma Casa-Museu, por ser em essência uma casa, não isenta o museu de suas obrigações institucionais. Consiste em uma instituição de guarda que no passado abrigou as vivências e lembranças de uma pessoa/família, ou um local que reconstrói estas memórias. A missão de uma Casa-Museu pode variar, mas em suma estima-se que preserve o edifício, os bens culturais que abriga, exerça práticas museológicas, entre outros. Não menos importante, mas principalmente caracterizador deste tipo de instituição de guarda: deve manter viva a memória ali contida do seu homenageado (AFONSO e SERRES, 2016, p. 41 e 42).

Mário Chagas, diretor do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) disse que se faz necessária não apenas a preservação do imóvel, mas que este mantenha vivo o espírito do personagem, por meio de um diálogo com o presente. “Isso é mais importante do que preservar os aspectos materiais. Para manter uma casa-museu viva é preciso olhar não só para o seu interior, mas, por meio de suas janelas, enxergar o mundo” (MARIUZZO, 2012 p. 1).

Existem inúmeras formas de casas museus. Palácios ou castelos e lares menos luxuosos; moradias de personagens importantes ou montagens para representação de um estilo de vida. Algumas se transformaram em museus logo após a morte de seus donos ou que foram resgatadas *a posteriori*. Locais não mais habitados e outros que continuam de forma total ou parcial a serem ocupados. Outros que foram fechados pelos herdeiros e que podem ser parcialmente remontados em ocasiões especiais em outros lugares; etc... Cada uma delas tem características e importâncias próprias.

Palácios têm seus atributos próprios. O de Versalhes cujas origens remontam ao século XVII, foi sucessivamente um retiro de caça, um lugar de moradia e trabalho da família real francesa e sua corte e, a partir do século XIX, um museu (CHÂTEAU VERSAILLES, 2019). Neste local são exibidos mobiliários da época, obras de arte e exposições temporárias, além da visita aos jardins. É um castelo transformado em museu, podendo ser considerado uma casa-museu. O Palácio de Windsor é o maior e mais antigo castelo ainda habitado do mundo. Fundado por Guilherme, o Conquistador, no século XI, já foi o lar de 39 monarcas britânicos (WINDSOR CASTLE, 2019). Embora nos dias atuais a rainha passe nele a maior parte dos fins de semana, o mesmo fica aberto à visitação durante todo o ano. É um exemplo de castelo/casa-museu que ainda serve como residência.

Entre as inúmeras atrações da revitalizada Royal Albert Dock, na cidade de Liverpool, está a Piermaster's House. Esta moradia foi construída originalmente em 1852 para o *piermaster* e sua família. Este trabalhador era responsável por auxiliar a entrada e

saída segura das embarcações que transitavam nas docas. A edificação é uma das quatro construídas com esta finalidade, mas a única que sobreviveu aos bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Em 2003 foi decorada como um típico lar do período da Guerra, com móveis e objetos da época (ROYAL ALBERT DOCK, 2019). É um exemplo de casa museu mimética, que não está ligada a nenhum personagem famoso, mas foi projetada com o objetivo de retratar um período específico.

A maioria das casas-museus não se transformou de residência em instituição pública logo após a morte ou a mudança de seu proprietário. Um tempo, que pode ser de meses ou séculos, decorre entre um acontecimento e outro. Um exemplo, citado anteriormente, de moradia rapidamente institucionalizada é o Museu Casa de Cora Coralina. Isso fez com que permanecesse exatamente como foi deixada pela poetisa – com exceção de algumas técnicas museológicas empregadas para melhorar a experiência do visitante. Caso a mudança ocorra num espaço temporal distante da morte de seu habitante a preservação se torna mais difícil. O imóvel pode ter sido modificado, os móveis e objetos são em sua maioria perdidos. Alguns museus como o do Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens, em Mariana (MG) apresentam basicamente o imóvel e um acervo documental sobre o trabalho do poeta.

O apartamento do poeta e músico Renato Russo foi desativado após sua morte. Nada foi modificado e ele não voltou a ser habitado. Em 2017/2018 uma exposição situada no Museu da Imagem e Som em São Paulo apresentou ao público vários objetos pessoais de Russo, inclusive seu quarto. O cômodo foi remontado com todos os móveis e objetos.

No Brasil temos várias instituições que podem ser classificadas como casas-museu: O Museu Imperial de Petrópolis, o Solar da Marquesa de Santos, a Casa de Chica da Silva, a Casa de Juscelino, o Museu Casa da Memória Viva de Ceilandia, o Museu do Catetinho entre outros. Em Goiás existem além do Museu Casa de Cora Coralina o Palácio Conde dos Arcos e o Museu Pedro Ludovico.

5 | DOWN HOUSE: DE CASA DE FAMÍLIA A MUSEU

Uma casa-museu apresenta semelhanças e diferenças em relação a outros tipos de museus. Por fazer parte da história, da memória e do imaginário de todas as pessoas, nossa relação com o lar é ímpar. É-nos familiar e nos remete à privacidade. Um local íntimo e particular que se torna público. São cenários domésticos, “[...] compostos de elementos diversos, objetos e pessoas, com temporalidades específicas, inseridas na sua própria história social e cultural de quem a produziu e de quem ali morou, fazendo parte da memória coletiva” (SCARPELINE, 2008 p.16 e 17). Neste sentido podemos entender a moradia como “[...] representação, um lugar de memória, uma fronteira entre o mundo público e o privado” (SCARPELINE, 2008 p.16 e 17).

Esta relação privado/público influencia nossa percepção.

Para Walter Benjamin, que visitou a casa museu de Goethe e sonhou, os museus são casas de sonho do coletivo. Por essa vereda, as casas museus podem ser compreendidas como casas que propiciam sonhos de casas e que unem universos individuais e particulares com universos coletivos (CHAGAS, 2010, p.6).

Down House fica situada próxima à vila St. Mary the Virgin, no Condado de Downe, a cerca de 25 quilômetros de Londres. Foi construída no início do século XVIII, com um formato retangular. No ano de 1778 foi adquirida e posteriormente modernizada por George Butler. Foram construídos uma nova cozinha e um bloco de serviços. Os cômodos do andar térreo foram reorganizados e a escada foi para sua posição atual. Após a morte de Butler em 1783, a propriedade mudou de mãos várias vezes, até que foi alugada e posteriormente vendida para John Johnson. (Fig. 2) Em 1837 foi adquirida pelo Reverendo J. Drummond, vigário de Down. Ele contratou o engenheiro civil Edward Cresy para fazer algumas melhorias. Foi instalado um novo telhado, dois banheiros e um pátio (REEVE, 2016, p. 49).



Fig 2: Vista lateral de Down House. Desenho de W. A. Johnson. Por volta de 1835. <<https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/home-of-charles-darwin-down-house/history/>>

Os Darwins mudaram-se para Down House em 24 de setembro de 1842. A família crescia (Emma estava grávida de seu terceiro filho) e a residência de Londres não mais

acomodava a todos. (Fig. 3) Eles permaneceram na casa até a morte de Charles Darwin em 1882. Até 1896, ano de seu falecimento, Emma voltava para passar os verões. Neste período várias modificações e melhorias foram feitas (HOME OF CHARLES DARWIN – DOWN HOUSE, 2019).



Fig 3: Fotografia de Charles Darwin em seu cavalo Tommy na porta de Down House1867.

REEVE, Tori. *Down House: the home of Charles Darwin*. London: English Heritage Guidebooks.. 2016, p. 45.

O imóvel ficou fechado até a virada do século. Vários arrendamentos se seguiram. “Em 1907 a casa tornou-se Downe House, uma escola para meninas administrada com sucesso por miss Olive Willis.” Em 1921 foi novamente desocupada quando a escola se mudou para acomodações maiores. Outro estabelecimento de ensino foi fundado, mas sem o mesmo sucesso do anterior. Após o fechamento deste a edificação ficou vazia e em crescente abandono (HOME OF CHARLES DARWIN – DOWN HOUSE, 2019).

Em 1927 Sir Arthur Keith, curador do Museu Hunterian no Royal College of Surgeons, em seu discurso na Associação Britânica para o Avanço da Ciência trouxe a público a situação de Down House. Sensibilizado, Sir George Buckston comprou e restaurou a residência, a um custo total de quase quinze mil libras. As mudanças que haviam sido feitas

no período da escola foram desfeitas e a reestruturação da casa foi feita com a ajuda de Leonard, o último filho sobrevivente de Charles e Emma. Com a ajuda de fotografias e da própria memória e com a doação de móveis e outros pertences da família tentou-se manter o imóvel o mais parecido possível com quando a família ali residia (REEVE, 2016, p. 49). Tal ato está de acordo com as técnicas de museologia, já que

Nos casos de Casas-Museu que homenageiam uma personalidade ou uma família, estima-se que mantenham o mais fielmente possível o arranjo original da casa, expondo os objetos de cunho íntimo, levando em consideração as suas reminiscências, e permitindo ao público visitante uma interpretação verossímil do cerne da vivência daqueles indivíduos (AFONSO e SERRES, 2016, p. 45).

A casa foi aberta a visitação sob o nome de Museu Darwin, em 7 de junho de 1929 e assim permaneceu por quase sessenta anos. A visitação só foi interrompida durante a Segunda Guerra mundial. O Royal College of Surgeons cedeu a responsabilidade pelo local para o Museu de História Natural no final dos anos 80 (HOME OF CHARLES DARWIN – DOWN HOUSE, 2019). Este tipo de museu vai, na imaginação do visitante, além do imóvel e objetos vistos, pois “a casa como lugar de memória será capaz de revelar os mistérios de seu proprietário, tão cuidadosamente arrumados e conservados em seu interior. Visitá-la é penetrar nesse mundo particular, como um intruso pairando sob seu cotidiano íntimo” (SCARPELINE, 2008 p. 21). Ela

[...] também guarda cantos, antros (os abismos da cama e algumas árvores do quintal, por exemplo), espaços que se situam embaixo (o porão e as caves, por exemplo) e outros que se situam encima (o forro, o telhado e o sótão, por exemplo) e alguns outros que se situam no meio (o dentro dos armários, o dentro das gavetas e de outros móveis, por exemplo). Cada um desses espaços arquiva e aciona sonhos e memórias, preserva e acende imaginações e reflexões (CHAGAS, 2010, p. 5).

Em 1996, a propriedade passou para os cuidados da English Heritage⁴, que realizou grandes reparos estruturais para garantir a estabilidade do imóvel. Os quartos do andar térreo foram restaurados para terem aparência similar ao que teriam no tempo de Darwin, e uma exposição explorando sua vida e trabalho foi instalada no primeiro andar. A casa reabriu para os visitantes em 1998, e nesse ano um programa de trabalho de longo prazo foi iniciado para restaurar os jardins, que agora estão completos (REEVE, 2016, p. 50). (Fig 4)

4. A English Heritage surgiu no final do século XIX com o objetivo de colocar a herança histórica da Inglaterra à frente do interesse privado. Em seu início fazia parte do departamento do governo responsável pela arquitetura e construção. Em 1913 recebeu autorização do Parlamento para fazer uma coleção de locais e edifícios históricos da Grã Bretanha. Em 1983 foi transferida para um novo órgão e recebeu o nome de English Heritage. Foi bastante aperfeiçoada e começou a ser superavitária. Hoje ela se autossustenta com entradas, associados e doações (ENGLISH Heritage, 2019).



Fig 4: Fotografia da frente de Down House, outubro de 2018. COSTA, S. S.

6 | CONCLUSÃO

A memória, o imaginário e a história estão intrinsicamente relacionados. O imaginário nada mais é do que uma releitura coletiva e interpretativa, individual ou compartilhada, da memória. É a forma como percebemos e ressignificamos o mundo a partir de nossas experiências e lembranças integradas à cultura na qual estamos imersos. A história é fruto da compilação sistemática da memória, integrada com o imaginário, tanto da comunidade retratada quanto de quem a retrata. Está impregnada de escolhas conscientes ou não e é um fato político.

Entre as diferentes demandas para a construção da identidade de um grupo está a manutenção do passado. Dentre as inúmeras formas de fazê-lo temos os museus, que são locais, públicos ou privados, e tem por objetivo guardar e expor (objetos, edificações, materiais de conservação de imagens e áudios, etc...). São consideradas casas-museus os museus que retratam lares, geralmente associados à personalidade(s) famosa(s). Não de qualquer pessoa, mas das que se tornaram presentes no imaginário e ligadas a uma comunidade.

Down House, a casa na qual Charles Darwin viveu por quarenta anos com sua família (1842-1882) foi transformada em museu em 1927, e com sua aquisição e doação à associação Britânica para o Avanço da Ciência torna-se o museu Darwin. Neste período descendentes de Charles e de sua esposa Emma doaram objetos e móveis originais para

a composição do acervo e dos ambientes. Grande parte das recriações se baseou em fotos do interior da casa, tiradas por Leonard Darwin, ainda durante a vida do pai. Em 1996, a propriedade passou para os cuidados da English Heritage, que após uma grande restauração reabriu a casa à visitação sob o nome de Down House: o lar de Charles Darwin (REEVE, 2016).

Este museu possui uma grande importância tanto para a história em geral quanto para a história científica. O lar de Charles Darwin foi muito mais do que uma casa do período vitoriano, onde ele e sua esposa criaram seus dez filhos; foi seu local de trabalho. Suas principais obras foram escritas nela. Nela também, ele fez experimentos, trocou uma vastíssima correspondência, recebeu outros cientistas e teve suas principais ideias. Embora seja uma casa-museu, este local se preocupa com a preservação não apenas da memória do homem, mas também da memória do cientista. Seu escritório, seus cadernos de anotações e muitos objetos usados em seus estudos e na viagem do Beagle estão expostos.⁵ Nos jardins podemos visitar a horta e a estufa – original –, que acomodam plantas e experimentos similares aos feitos no séc XIX.

Mesmo não sendo um dos mais populares, entre os inúmeros museus britânicos, Down House, a casa de Charles Darwin propicia uma vivência única. Caminhar em seus cômodos e jardins é uma experiência marcante para os amantes da ciência, mas também para as pessoas que gostam de história, de personagens históricos e seus lugares de memória.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Micheli Martins e SERRES, Juliane Conceição Primon. **Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica**: um lugar de memórias. *Vox Musei Arte e Patrimônio*. Ano 1, n. 1 2016.

BARRETO, Margarida. Os Museus e a autenticidade no turismo. In: **Revista Itinerariun**. V. 1 2008. Disponível em: consultado em abril de 2019.

BÔAS, Lúcia Villas. **História, memória e representações sociais**: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. *Cadernos de Pesquisa* v.45 n.156 abr./jun. 2015, p. 250. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00244.pdf>> Consultado em junho de 2019

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. In: **Revista Mosaico**. Volume 2, n. 4. 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62790/61925>> Acessado em abril de 2019

CHÂTEAU VERSAILLES. Official website. <<http://en.chateauversailles.fr/>> consultado em outubro de 2019.

5. Charles Darwin participou de uma expedição oficial da marinha britânica no navio HMS Beagle. Tal expedição ocorreu de 27 de dezembro de 1831 à 2 de outubro de 1836 e contornou a América do Sul, seguiu pelo Oceano Pacífico até a Austrália, contornou o Sul da África e retornou à Inglaterra após mais uma parada nas costas brasileiras. O conhecimento adquirido nesta viagem foi fundamental para o desenvolvimento da teoria evolutiva (DARWIN, 2008).

DARWIN, Charles. **A viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Vol. I e II. Porto Alegre : L&MP, 2008.

ENGLISH HERITAGE: OUR HISTORY <<https://www.english-heritage.org.uk/about-us/our-history/>> consultado outubro de 2019.

FOSTER, Jonathan K. **Memória**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HOME OF CHARLES DARWIN – DOWN HOUSE: <<https://www.english-heritage.org.uk/visit/ places/ home-of-charles-darwin-down-house/history/>>. Consultado em junho de 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª ed. Revista. Campinas: Editora da Unicamp. 2013.

MARIUZZO, Patrícia. **Janela indiscreta para vida de quem ficou para a história**. In: *Cienc. Cult.* vol. 64 n.1 São Paulo Jan. 2012 disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252012000100021>>. Consultado em abril de 2019.

MLODINOW, Leonard. **Subliminar**: como o inconsciente influencia em nossas vidas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOTA, Carlos Guilherme. Museus: memória e perspectivas. In: **Encontros brasileiros de Palácios, Museus-casas e Casas históricas: 2014-2017**, São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, (10). Dez 1993, p. 9.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

REEVE, Tori. **Down House**: the home of Charles Darwin. London: English Heritage Guidebooks. 2016, p. 49.

ROYAL ALBERT DOCK, Liverpool, UK. The Piermaster's House. Albert Dock, Liverpool L3 4BB, UK. <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/mol/visit/galleries/piermasters-house.aspx> Consultado em junho de 2019.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo : Editora UNESP, 2010.

SARDO, Anabela Naia. *Turismo literário*: uma forma de valorização do património e da cultura locais. In: **Egitânia sciencia**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10314/3416>>. Consultado em abril de 2019. p. 85

SCARPELINE, Rosaelena. Lugar de morada X Lugar de memória: a construção museológica de uma casa museu. In: **XI Congresso Internacional da Brazilian Studies Association - BRASA**. 2008, p. 19. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259641620_Lugar_de_morada_X_Lugar_de_memoria_a_construcao_museologica_de_uma_Casa_Museu>; Consultado em abril de 2019.

SCHMIDT, Benito Bisso O Historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, V 15, N. 28, p.187 – 196, dez 2008.

SILVEIRA, Maria Teresa da. **Museu Casa de Rui Barbosa**: interpretação, memória e esquecimento. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016 p. 3 e 4.

WINDSOR CASTLE. Royal Collection Trust. Disponível em: <<https://www.rct.uk/visit/windsor-castle>> Consultado em junho de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuísmo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

D

Deleuze 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

H

Hardware 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

P

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Q

Queenship 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

R

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

S

SAT 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

Software 62, 199, 202, 206, 207, 208

T

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184





U

Urbanismo 307, 308

V

Vedānta 232, 233, 236, 240

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br